



***QUAL O PAPEL DO HOMEM NO MOVIMENTO FEMINISTA?: UMA
REFLEXÃO SOBRE O CONDICIONAMENTO SOCIAL IMPOSTO AOS
GÊNEROS PELO PATRIARCADO***

***¿CUÁL ES EL PAPEL DEL HOMBRE EN EL MOVIMIENTO
FEMINISTA?: UNA REFLEXIÓN SOBRE EL CONDICIONAMIENTO SOCIAL
IMPUESTO A LOS GÉNEROS POR EL PATRIARCADO***

***WHAT IS THE ROLE OF MEN IN THE FEMINIST MOVEMENT?: A
REFLECTION ON THE SOCIAL CONDITIONING IMPOSED ON GENDERS BY
PATRIARCHY***

Marlise Sozio Vitcel¹

Diego Maradona da Hora Mendes²

Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas³

RESUMO

O presente artigo visa analisar o papel do homem no movimento feminista, trazendo reflexões sobre patriarcado, sexismo e suas influências na construção da sociedade. À medida que estes são entendidos como formatadores da conduta dos gêneros, enxerga-se o movimento feminista como instrumento de revolução, emancipação e de equidade entre eles. A abordagem metodológica utilizada foi exploratória, a partir da busca em materiais bibliográficos de autoras feministas, tendo como referencial de análise o materialismo histórico-dialético. Como resultado, concluímos que o homem deve questionar seus privilégios, conceitos e ações, cobrando de si uma postura antissexista, contribuindo, assim, com a luta feminista e com a construção de uma sociedade mais justa.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Patriarcado. Papel masculino.

¹ Mestra. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Pelotas, RS, Brasil.

² Doutor. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Pelotas, RS, Brasil.

³ Doutora. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Pelotas, RS, Brasil.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el papel del hombre en el movimiento feminista, reflexionando sobre el patriarcado, el sexismo y su influencia en la construcción social. En la medida en que estos son entendidos como moldeadores de la conducta de los géneros, el movimiento feminista se concibe como un instrumento de revolución, emancipación e igualdad de género. El enfoque metodológico empleado fue exploratorio, basado en la búsqueda de material bibliográfico de autoras feministas, utilizando el materialismo histórico-dialéctico como marco analítico. Como resultado, se concluye que los hombres deben cuestionar sus privilegios, conceptos y acciones, adoptando una postura antisexista para contribuir así a la lucha feminista y a la construcción de una sociedad más justa.

PALABRAS-CLAVE: Feminismo. Patriarcado. Rol masculino.

ABSTRACT

This article aims to analyze the role of men in the feminist movement, reflecting on patriarchy, sexism, and their influences on societal structures. Since these are understood as shapers of gender conduct, the feminist movement is seen as an instrument of revolution, emancipation, and equity. The methodological approach was exploratory, based on bibliographic materials by feminist authors, using historical-dialectical materialism as an analytical framework. As a result, we conclude that men must question their privileges, concepts, and actions, holding themselves to an anti-sexist stance to contribute to the feminist struggle and the construction of a fairer society.

KEYWORDS: Feminism. Patriarchy. Men's role.

Introdução

A luta do movimento feminista para diminuir as distâncias entre os gêneros, proporcionadas pelo patriarcado, vem de longa data (Silvia Federici, 2019). Algumas das reivindicações requeridas são: salários iguais, liberdade reprodutiva, fim da violência de gênero, dentre outras. O patriarcado é a causa do aprisionamento das mulheres e dos homens em papéis sociais atribuídos às categorias de sexo, gerando violências e castrações (Heleieth Saffioti, 1987) e levando a naturalização de uma supremacia masculina.

Além de pleitear direitos negados às mulheres pelo patriarcado, o movimento feminista contemporâneo entende que a luta é muito mais ampla. É necessário desfazer a base que alicerça a estrutura social patriarcal, que hierarquiza as pessoas com base em sexo, raça, lugar de origem, dentre outras categorias. Destarte, entender e combater o patriarcado e o sexismo oriundo dessa estrutura é uma tarefa de todas, todes e todos (Marcia Tiburi, 2018).

Neste sentido, procuramos, ao longo desta escrita, demonstrar que o inimigo do movimento feminista não é a figura masculina, mas sim o capitalismo. Esse sistema político e econômico que rege as vidas e relações das pessoas se alicerçou no patriarcado, como tecnologia social para explorar e se apropriar dos corpos das mulheres, corpos não-brancos, territórios etc. Dessa forma, a luta feminista, anticapitalista é uma luta da humanidade e não apenas do gênero feminino.

Assim, nos propusemos discutir na primeira parte deste artigo, intitulada “Afinal, a que serve o feminismo?”, a importância do movimento feminista contemporâneo para a conquista de uma sociedade livre das amarras do gênero (Chimamanda Adichie, 2018).

Em princípio, buscamos evidenciar algumas definições de feminismo sob uma perspectiva contemporânea, diferenciando do conceito equivocado do senso comum que busca deslegitimar o movimento transformando-o como um inimigo do homem. Para isso dialogamos com Tiburi (2018) para quem o feminismo é o contrário de solidão. A autora nos aponta que “nosso feminismo não nasce em nós, foi herdado e transformado devido a um sistema de injustiças ao qual opomos a luta” (p. 14).

Partindo do pressuposto de que o patriarcado, pautado no sexismo, é o inimigo em comum para os gêneros, entendendo que o “feminismo é para todos” (bell hooks, 2018) e atentos ao chamado para que “sejamos todos feministas” (Adichie, 2018), discutimos, na segunda parte, “o lugar do homem na luta feminista”, sem, contudo, usurpar o lugar de fala da mulher.

Tentamos apontar como o patriarcado, ao conceder uma posição privilegiada ao gênero masculino, atua cerceando o homem do direito de usufruir plenamente da condição humana, cobrando um preço alto por seus privilégios, aprisionando os gêneros em amarras sociais e castrando homens, mulheres e crianças de gozarem de uma vida plena (Saffioti, 1987).

Este artigo propõe uma reflexão teórica sobre o papel dos homens como aliados na luta feminista, adotando uma abordagem metodológica exploratória. Partimos de uma análise bibliográfica crítica de autoras feministas fundamentais, utilizando como referencial teórico o materialismo histórico-dialético. Por meio de leituras sistemáticas e diálogos teóricos, examinamos como essas pensadoras concebem a construção de uma sociedade capaz de garantir condições de vida digna para todas as pessoas.

Afinal, a que serve o feminismo?

O título desta seção traz um questionamento que permeia o imaginário tanto masculino, quanto de algumas mulheres. Isso pode ser compreensível devido às diferentes concepções equivocadas sobre o conceito de feminismo e de seus objetivos, na qual “uma multidão pensa que o feminismo é sempre e apenas uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens”, e ainda, “a grande maioria desse pessoal pensa que feminismo é anti-homem” (hooks, 2018, p.17).

Por não terem certeza do que encerra em si o termo feminismo, hooks (2018) afirma que muitas mulheres ficam receosas em defender o movimento feminista. Por isso, apontando em que subsidiamos nossa discussão, é importante trazermos a definição do termo feminismo, apresentada pela autora –, mas que se tornou uníssono no movimento feminino contemporâneo – que define como um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão.

Desta forma, a autora entende que o termo “não deixava implícito que homens eram inimigos [...] ao indicar o sexismo como o problema” (hooks, 2018, p.17), fugindo, portanto, da definição do senso comum que entende o feminismo como um movimento anti-homem, e que, por isso, os afasta da luta contra o sexismo.

Assim, diferentemente do feminismo reformista, que almejava a igualdade de gêneros, “pensadoras revolucionárias não queriam apenas alterar o sistema existente para que mulheres tivessem mais direitos, [queriam] transformar aquele sistema para acabar com o patriarcado” (hooks, 2018, p.19).

A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas (hooks, 2018, p. 23).

Destarte, reconhecer quem é o inimigo, apontando como seus efeitos materializados na sociedade, trouxe ao movimento feminista contemporâneo uma dimensão maior do problema, retirando a figura masculina do centro e evidenciando a necessidade de combater o patriarcado e o sexismo. Para Nancy Fraser (2022) a construção de uma perspectiva societal diferente - com maior justiça social e ambiental, antirracista, de igualdade e sem violência - passa por ampla organização e resistência social. Lutas que precisam ter o anticapitalismo como direção política.

Logo, contrário aos equívocos na definição do feminismo e de seus objetivos, Saffioti (1987, p.115) aponta que “[...] o feminismo aqui defendido, não representa, de forma alguma, uma guerra contra os homens. Ao contrário, a proposta consiste exatamente na humanização do homem, também castrado em muitas dimensões da vida [...]”. A referida autora, ao discutir o processo de castração que o homem sofre – decorrente do sexismo – para cumprir seu papel social de dominador, conclui que é um preço excessivamente alto pago por eles.

Por essa questão, é válido ressaltar que tanto homens quanto mulheres são beneficiados pelo movimento feminista contemporâneo. Haja vista que, com esse movimento, as imposições sociais de conduta aos gêneros são questionadas e repensadas, propondo uma revisão desses papéis, a fim de que se consiga a liberdade das amarras sociais aos quais os gêneros estão atrelados. Ou ainda, “[...] seríamos mais livres para sermos quem somos, se não tivéssemos o peso da expectativa do gênero [...]” (Adichie, 2018, p.30).

Cabe apontar que por muito tempo o movimento feminista desconsiderava as diferenças entre as mulheres, ou talvez, não enxergasse que os diferentes tipos de mulheres possuíam demandas diferentes, se moldando às necessidades de mulheres brancas e de classes privilegiadas (hooks, 2015).

A famosa frase de Friedan, “o problema que não tem nome”, muitas vezes citada para descrever a condição das mulheres nesta sociedade, na verdade se refere à situação de um seleto grupo de mulheres brancas casadas, com formação universitária, de classe média e alta – donas de casa entediadas com o lazer, a casa, os filhos, as compras, que queriam mais da vida (hooks, 2015, p.193-194).

Neste contexto, a mulher branca, de classe social privilegiada e com nível superior, era a régua e a regra do movimento feminista, que desconsiderava seus privilégios, tornando invisível as mulheres não-brancas e das classes menos favorecidas socialmente.

hooks (2015) aponta, ainda, que as feministas privilegiadas têm demonstrado incapacidade de falar com (e pelos) diversos grupos de mulheres, haja vista que eles não dão conta, plenamente, de entender a inter-relação que há entre as diferentes opressões de sexo, raça e classe. Desta maneira, se torna impossível pensar em sororidade plena enquanto a raça e a classe forem usadas por mulheres para dominar e/ou subjugar suas iguais (hooks, 2018).

Com o olhar das mulheres negras, evidenciando suas especificidades, demonstrando que suas lutas eram diferentes do que pleiteava o corpo feminista branco, o movimento feminista ganha força, canalizando esforços conjuntos, mesmo com demandas diferentes, contra o sistema sexista opressor, que, por muitas vezes, faz com que mulheres julguem umas às outras (hooks, 2018).

Com esses diferentes olhares, mais amplos sobre a quem deve servir o feminismo e avançando ainda nas compreensões sobre 'a que serve o feminismo', buscamos autoras que dialogam com essas perspectivas diversas do feminismo. Para Françoise Vergès (2020) é necessário um feminismo que aborde a luta antipatriarcal, decolonial e, dessa maneira, entenda o patriarcado e instrumentalize as pessoas a superá-lo. Esse feminismo decolonial difere do feminismo liberal, que empodera determinadas mulheres, mas mantém o status quo de uma sociedade altamente desigual e exploradora do trabalho e de corpos não brancos. Tiburi (2018) anseia por um feminismo que tenha como centralidade a transformação social, definido como “[...] desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado (p. 06)”.

Tiburi (2018) nos questiona para que precisamos do feminismo. É importante nos questionarmos para além de ‘para que’, também ‘para quem’. Cinzia Aruzza, Tithi Bhattacharya e Fraser (2019) claramente definem a necessidade de um feminismo que represente a mulheres exploradas, excluídas, com corpos diversos, que se preocupe com as questões ambientais, com as questões da fome, dos territórios, um feminismo para as 99%. É, portanto, um feminismo que dialogue com mulheres pobres, pretas, comunitárias, indígenas, da favela e todas as demais que são atravessadas pelas violências, explorações e apropriação do capitalismo, do racismo e do patriarcado.

O feminismo para os 99% é um feminismo anticapitalista inquieto – que não pode nunca se satisfazer com equivalência, até que tenhamos igualdade; nunca satisfeito com direitos legais, até que tenhamos justiça; e nunca satisfeito com a democracia, até que a liberdade individual seja ajustada na base da liberdade para todas as pessoas (Aruzza, Bhattacharya, & Fraser, 2019 p. 87).

Ferericici (2019) convoca as pessoas a estender os horizontes e firmar a convicção de que “[...] é pelas atividades do dia a dia [...] que podemos desenvolver a nossa capacidade de cooperação, e não só resistir à nossa desumanização, mas aprender a reconstruir o mundo como um espaço de educação, criatividade e cuidado (p. 19)”. Esse feminismo,

longe de excluir os homens, convoca para a luta todas as pessoas que acreditam num outro mundo possível.

Assim, podemos entender o feminismo como uma ferramenta política para desnaturalizar as opressões e construir alternativas à ordem vigente. Como lembra Ivone Gebara (2022, p. 26), ele “nos convida a ouvir e a gritar coletivamente nossas opressões para que coletivamente possamos sair delas”. É, portanto, na ação compartilhada que o feminismo revela o seu potencial transformador.

Esse entendimento, contudo, nos exige um duplo movimento. Primeiro o que Gebara (2022) nos provoca, de 'desimaginar o mundo', para que possamos destruir o imaginário patriarcal. Ao passo que, num segundo movimento, necessitamos simultaneamente, confrontar as estruturas materiais que o sustentam o patriarcado. Federici (2019, p. 27) evidencia que uma das estruturas da supremacia masculina é o Estado como “representante do capital coletivo - o verdadeiro homem”, beneficiário direto da exploração do trabalho remunerado e não remunerado. Assim, o feminismo serve não apenas para denunciar, mas para desvelar as conexões entre patriarcado, capital e Estado, propondo novas epistemologias e práticas sociais que prefigurem uma sociedade verdadeiramente justa.

Na perspectiva da professora Débora Diniz (2022), o feminismo opera no sentido da construção de uma ruptura radical com a ordem patriarcal, um “fazer-se estranho” a suas lógicas (p. 67). Essa estranheza é necessária e urgente porque o patriarcado “apaga as memórias, desaparece com as mulheres” (p. 109), ao passo que impõe uma amnésia seletiva, na qual apenas a narrativa do patriarca branco colonial define quem é lembrado e quem é esquecido.

Diniz (2022) faz voz que o projeto feminista se estende além das necessárias denúncias. É, ainda uma utopia concreta, gestada “nas cozinhas e nas canções, nas ruas e nos acalentos” (p. 159), espaços tradicionalmente desprezados pela razão hegemônica. A autora entende que se o patriarcado e o fascismo usam o medo como tática de controle, a resposta feminista é a invenção da vida, a florada num ato de desobediência que desmonta privilégios e reimagina o possível.

Nas discussões de Angela Davis (2023), a ativista e pensadora feminista expõe a lógica colonizadora que reduz a categoria de humano a um projeto eurocêntrico que “[...] permite à categoria ‘humano’ ser representada por humanos brancos” (p. 27). Para a autora a dominação patriarcal é inseparável do racismo e do imperialismo. Nessa construção histórica, a branquitude se consolidou por meio da escravidão e da

colonização, criando hierarquias entre os seres humanos. Davis (2023) delega ao feminismo a tarefa histórica de desestabilizar não apenas as estruturas de gênero, mas a própria noção de humanidade construída sobre a violência colonial. Deve, portanto o feminismo, como ferramenta política, atuar para desnaturalizar a violência que define quem é plenamente humano e quem é descartável.

Helena Hirata (2022) enfatiza que o feminismo serve como um processo dialético de emancipação, que exige consciência de gênero, de classe e de raça. Esse processo precisa estar aliado com a luta contra a exploração. Nesse cenário, se torna fundamental a construção de uma práxis que une teoria e prática para confrontar a opressão, a dominação e a exploração capitalista. Dessa forma, cabe ao feminismo articular as dimensões materiais e simbólicas da desigualdade.

Na contextualização de Beatriz Nascimento (2019), a autora desnuda o caráter estrutural do patriarcado colonial, que permeia toda a sociedade. Essa estrutura colonial recai com mais brutalidade sobre as mulheres negras, o que se evidencia ao percebermos que essas mulheres, ainda nos presentes dias, estão “[...] ocupando os mesmos espaços e papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão” (p. 51). Assim, Nascimento (2019) evidencia como o racismo e o sexismo se reforçam mutuamente, cristalizando lugares sociais herdados do passado escravocrata.

Para Sueli Carneiro (2019) o feminismo precisa ser o catalizador de um novo marco civilizatório, que se constitui a partir da radicalização da democracia. Ao celebrar a tradição do movimento feminista brasileiro de se articular com as lutas populares e a luta pela democratização do país, a autora ressalta a recusa do movimento feminista na mera inversão de papéis, lutando por uma democracia plena. O que implica reconhecer que não há democracia possível sem redistribuição de riquezas, sem enfrentamento do racismo e sem despatriarcalização das relações sociais. O feminismo, portanto, precisa ser um farol para uma transformação radical, em que a igualdade não seja um conceito abstrato, visto que “[...] não haverá igualdade sem distribuição das riquezas; e não há distribuição sem o reconhecimento das desigualdades entre homens e mulheres, entre brancos e negros, entre urbanos e rurais, que hoje estruturam a pobreza” (p. 77).

A que serve o feminismo então? Como demonstram as pesquisadoras que nos auxiliam na construção deste tópico, o feminismo não é um projeto único, mas um campo de lutas, uma ferramenta, um farol orientador de um caminho para descolonizar a humanidade; integrar consciência e prática revolucionária; desvelar a violência patriarcal-colonial; radicalizar a democracia; rumo a uma devir societal, na construção de um mundo

como ainda pode ser. Nesse mundo devem caber todos os corpos, pessoas, territórios, para que possam usufruir de uma vida digna de ser vivida.

O lugar do homem na luta feminista

Após explicitar que o feminismo é para todas, todes e todos, apontando o capitalismo, o sexismo e o patriarcado como inimigos em comum, traçaremos caminhos na tentativa de auxiliar os homens na tomada de condutas pró-feministas, que contribuam com o movimento feminista.

Para tanto, vale evocar o conceito de lugar de fala, proposto por Djamila Ribeiro (2018), a fim de demonstrar que a voz masculina nesta discussão não pode ocupar a mesma posição que a voz feminina, pois, para além do pioneirismo em tratar as questões de gênero, as mulheres foram, e ainda são, as que mais sofrem com o fardo do sexismo e do patriarcado.

A participação dos homens no feminismo exige, antes de tudo, o reconhecimento de que a masculinidade é uma construção social. Como aponta Saffioti (1987, p. 10), “Rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres”. Nesse processo, o patriarcado não apenas oprime as mulheres, mas também beneficia materialmente os homens, em especial os ricos, brancos e adultos. Faz isso ao garantir privilégios milenares concentrados em mãos masculinas. A resistência masculina ao feminismo, portanto, não é acidental, visto que é o reflexo do medo de perder vantagens concretas, como a exploração da força de trabalho feminina e negra, que sustenta o sistema capitalista-racista-patriarcal.

Se o feminismo é um projeto de transformação radical, a adesão dos homens ao movimento não pode limitar-se a um gesto performático. É preciso que eles reconheçam seu lugar na estrutura de poder descrita por Saffioti (1987) como agentes de um sistema explorador e opressor. A verdadeira aliança exige, portanto, a renúncia ativa a privilégios, perpassando pela divisão desigual do trabalho doméstico, pela cumplicidade com a cultura do assédio e se fortalecendo no engajamento na luta contra as bases materiais do patriarcado, o capital.

Alex Castro (2022, NP) em cursos sobre o papel do homem no movimento feminista salienta que

[...] de nada adianta dominar o discurso feminista e vir a eventos sobre igualdade de gênero se vocês ainda agem como se a esfera doméstica fosse naturalmente, necessariamente, responsabilidade da mulher; se

impõem horários diferente para filhos e filhas voltarem das noitadas; se ensinam as filhas a não serem estupradas (como se estupro fosse um problema de autopreservação pessoal) mas nunca ensinam os filhos a não estuprar (pois o estupro é um problema de toda a sociedade), etc etc. Os exemplos poderiam continuar ad eternum.

Nesse sentido, Castro (2022) afirma que duas das principais tarefa dos homens para a contribuição com o feminismo se conformam em (1) dar o exemplo no cotidiano para as crianças e para outros homens, assumindo seu lugar de privilégio e se responsabilizando por suas tarefas domésticas, de cuidado e de respeito com todas as pessoas; (2) e o engajamento na luta anticapitalista.

A luta feminista, como convocam Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) em seu manifesto 'Feminismo para os 99%', exige uma compreensão crítica da subordinação das mulheres e das desigualdades estruturais que comandam nossa sociedade hoje. Tal entendimento é essencial para instrumentalizar a intervenção política transformadora. Nessa mesma linha, Mirla Cisne (2015) reforça a necessidade de analisar criticamente essas estruturas de opressão como passo fundamental para sua superação prática. Ambas as perspectivas nos levam a entender que a participação masculina no feminismo só se legitima quando os homens assumem ativamente o reconhecimento dos seus privilégios patriarcais e se engajarem concretamente na desconstrução dessas hierarquias.

Mariana Azevedo (2012), apoiada por sua pesquisa bibliográfica, entende que os homens não têm, necessariamente, acesso às experiências de opressão como as mulheres, dessa forma não podem se declarar feministas. Outras possibilidades que a autora apresenta, que surgem para o papel do homem nesse contexto, é tornarem-se apoiadores do movimento, fazendo emergir o conceito da expressão “homens pró-feministas”.

Assim, no mesmo passo da autora, entendemos haver a possibilidade da participação masculina em diferentes espaços de atuação do movimento feminista. Isso, contudo, não autoriza o homem a “ocupar espaços de poder como representantes das demandas do movimento” demarcando os limites e possibilidades do homem dentro dele (Azevedo, 2012, p. 19).

O homem recebe o bônus por ser detentor do gênero padrão em uma sociedade que tem o patriarcado como alicerce, se beneficiando do sexismo em detrimento das mulheres. Entretanto, precisamos compreender, também, que “as relações assimétricas, desiguais, entre homens e mulheres derivam prejuízos para ambos” (Saffioti, 1987, p. 20) e que o patriarcado é um “retirador de direito dos próprios homens, impondo neles uma identidade sexista” (hooks, 2018, NP).

Por toda a sociedade ser impactada pelos efeitos deletérios do patriarcado é que Tiburi (2018) recruta para a construção do feminismo todas as mulheres e, também, não mulheres, “[...] pessoas inscritas no âmbito LGBT e [...] homens - sujeitos e assujeitados a um mundo patriarcal que o feminismo vem questionar. Um mundo conservador que se abala com a mais leve pluma de crítica [...]” (Tiburi, 2018, p. 6). Dessa forma, a luta feminista por direitos deve ter como integrantes todas, todes e todos.

O patriarcado cobra um preço alto por seus privilégios, “[abafando] a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente” (Adichie, 2018, p. 25). Ainda, a autora aponta que a educação, pautada no patriarcado, ensina aos homens que eles não podem ter medo, serem fracos ou mostrar vulnerabilidade, escondendo quem realmente são.

A construção social da masculinidade, como aponta Adichie (2018), cria um paradoxo perverso. A autora afirma que “[...] quanto mais duro um homem acha que deve ser, mais fraco será seu ego” (p. 26). Essa fragilidade mascarada de força recai especialmente sobre as mulheres, culturalmente ensinadas a gerenciar esses egos inseguros dos homens. Dessa forma, a desconstrução dos papéis de gênero não é um favor às mulheres, mas uma libertação necessária também para os homens - desde que estes reconheçam como sua performance de macheza sustenta o patriarcado.

Saffioti (1987) desvela o cerne performático da masculinidade patriarcal, no qual o homem só é considerado 'macho' quando é capaz de disfarçar, inibir, sufocar seus sentimentos. Essa exigência social, além de alienante, funciona como mecanismo de controle que beneficia o sistema patriarcal-racista-capitalista. A participação masculina no feminismo, portanto, exige mais que solidariedade pontual; demanda o questionamento radical dessa camisa-de-força emocional que os priva de humanidade plena enquanto os mantém como agentes (conscientes ou não) da opressão feminina.

Ainda que o patriarcado proporcione desvantagens para o gênero masculino, é inegável que as vantagens sejam superiores, isso se desdobra no posicionamento masculino que não pensa em renunciar aos privilégios do patriarcado (hooks, 2015). Assim, um primeiro movimento dos homens para contribuir com o movimento feminista é reconhecer que eles são beneficiados, privilegiados e que usufruem de um poder social proporcionado pelo sexismo, o que os coloca em uma posição superior à mulher.

Reconhecemos que se desvencilhar da expectativa do gênero não é uma tarefa fácil (Adichie, 2018), e que deve perpassar por uma coletividade, pois, como aponta hooks (2018, p. 79), “mesmo que homens individuais abrissem mão do patriarcado, o sexismo

e a dominação masculina estariam intactas e as mulheres ainda seriam exploradas e/ou oprimidas”. Ratifica, assim, que precisamos lutar contra o patriarcado, o sexismo e todas as suas nuances.

Nesse mesmo sentido, Saffioti (2015) demonstra que a dominação patriarcal se perpetua não apenas pela coerção, mas pela capacidade de transformar mulheres em vetores ativos de sua própria subjugação, naturalizando hierarquias que beneficiam o capitalismo patriarcal. Para a autora, o patriarcado

[...] funciona como uma engrenagem quase automática, pois pode ser acionada por qualquer um, inclusive por mulheres [...] imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo (Saffioti, 2015, p. 108).

A humanidade naturalizou a dominação masculina, e isso pôs o homem em um lugar de superioridade. Mas é necessário que os homens comecem a criticar e desafiar a dominação masculina sobre o planeta (hooks, 2018), chamando a responsabilidade de suas ações para sua agência, ao invés de transferir à cultura toda a responsabilidade pela subordinação feminina e nada fazer para mudar suas ações e transformar essa cultura sexista (Adichie, 2018).

Na tentativa de demonstrar que os processos de dominação não são naturais, mas culturais, Saffioti (1987) traça um paralelo entre os homens, evidenciando que há uma minoria dominadora e uma maioria dominada. Contudo, muitos homens não se deram conta disso. Assim, a autora afirma que

Quando a maioria dos homens, que sofrem a dominação da minoria poderosa, descobrir que seus **privilégios** significam também limitações, constrangimentos, falta de liberdade, estará pronta a perceber como sociais os processos que lhes pareciam naturais. (Saffioti, 1987, p. 117, grifos nosso).

Neste sentido, entendendo que a cultura está sempre em transformação, sendo construída por pessoas, e não o oposto, quando percebemos que uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, temos que mudar essa cultura (Adichie, 2018).

Sobre as diferentes experiências de opressão vividas por homens e mulheres dentro de uma ordem desigual de gênero, Azevedo (2012), fazendo uma leitura de Medrado &

Lyra (2008), reconhece os custos e sofrimentos causados aos homens pelo sexismo ou machismo como uma forma não de torná-los vítimas ou de os destituir de suas responsabilidades, principalmente no caso de homens que cometem violências, mas de sensibilizá-los frente ao projeto feminista.

Como afirma Adichie (2018, p.25) “a questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo”. No entanto, a autora reconhece que não é fácil conversar sobre o tema, pois muitas pessoas se sentem desconfortáveis, chegando até a se irritar. Isto se dá, segundo a autora, por conta de que a ideia de mudar o *status quo* é sempre penosa.

Por isso, é importante que se estimule o homem a pensar na questão feminista, uma vez que muitos nem sequer pensam na questão de gênero e muitas vezes nem notam que ela existe, tornando-se inertes, ou seja, não fazendo nada para mudar a situação das coisas. Assim, se tornar sensível à questão feminista é se tornar sensível às suas próprias limitações, impostas pelo gênero, exigindo que haja uma manifestação em todas as pequenas situações (Adichie, 2018), que muitas vezes são negligenciadas, mas alimentam e reforçam os estereótipos criados, fortalecendo o sexismo e o patriarcado.

Considerações Finais

Adichie (2018) nos alerta sobre a necessidade de começarmos a planejar e sonhar com um mundo diferente e mais justo, em que homens e mulheres sejam mais felizes. Para tanto, a autora salienta que precisamos criar nossas filhas e filhos de uma maneira diferente. Entendemos que lutar por um mundo com menos desigualdade entre os gêneros significa enfrentar as causas profundas desse cenário.

O patriarcado, ao mesmo tempo em que assegura privilégios históricos aos homens, também os submete a uma masculinidade restritiva, funcional ao sistema capitalista-racista-patriarcal. Tal estrutura, ao naturalizar a dominação masculina, oprime as mulheres e restringe a plena humanidade dos homens, convertendo-a em instrumento de reprodução da exploração. Como Saffioti (1987) demonstra, a manutenção da supremacia masculina sobre as mulheres não é natural, mas histórica e politicamente sustentada. Romper com ela exige que os homens assumam não apenas a crítica, mas a prática cotidiana da desobediência às normas de gênero que os beneficiam.

Nesse sentido, o feminismo anticapitalista configura-se como um projeto político de transformação radical, que demanda a renúncia consciente de privilégios e o enfrentamento das bases materiais do patriarcado, como a divisão sexual do trabalho, a cultura do assédio e outras práticas de opressão. hooks (2018) enfatiza que as feministas

são formadas, não nascem feministas, evidenciando que ser do sexo feminino não torna uma pessoa uma defensora nata dessas políticas. Partindo desse pressuposto, concluímos que os homens, também, podem tornar-se feministas ou pró-feministas, engajando-se como defensores dessas políticas.

A inserção masculina nessa luta é um processo de humanização, pois rompe com padrões nocivos de socialização e identidade. Contudo, tal adesão exige mais que solidariedade declaratória: impõe um compromisso duplo, que articule reconhecimento crítico dos privilégios sexistas e engajamento prático na desconstrução das hierarquias de gênero, raça e classe. Esse engajamento só se efetiva quando vinculado a uma perspectiva mais ampla de enfrentamento ao capitalismo e à mercantilização da vida, pois não há emancipação possível sem a erradicação de todas as formas de opressão.

Saffioti(1987) enfatiza que, “[...] a grande mensagem consiste em mostrar que os homens podem e devem reivindicar seus direitos humanos, da mesma forma como muitas mulheres estão procedendo” (p. 116), ao rediscutir os privilégios dessa sociedade patriarcal, compreendendo-a como um mecanismo de castração e controle. Os homens devem, portanto, reivindicar o direito à humanidade, tornando-se colaboradores da luta feminista, cobrando de si mesmos uma postura antissexista e revisando conceitos e ações. Assim, homens pró-feministas que assumem responsabilidades concretas, como a divisão justa do trabalho de cuidado e a atuação em movimentos de resistência, contribuem para o fortalecimento do feminismo para as 99% e para a desconstrução da masculinidade hegemônica.

Essa ruptura possibilita a emergência de uma nova masculinidade, fundada na cooperação, na empatia e no compromisso ético-político com a justiça social, transformando a participação masculina no feminismo em um imperativo para a construção de uma sociedade igualitária e livre de opressões.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Reviravolta, 2018.

ARUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

AZEVEDO, Mariana; *Homens feministas: a emergência de um sujeito político entre fronteiras contingentes*. 2012. 94 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco – PE, Centro De Filosofia E Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Interseccionalidades: pioneiras do feminismo brasileiro*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019.

CASTRO, Alex. O poder do exemplo: sobre homens no feminismo. Blog Papo de Homem. Disponível em <https://papodehomem.com.br/valente-nao-e-violento/>. Acessado em agosto de 2022.

CISNE, Mirla. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2015.

DAVIS, Angela; COLLINS, Patricia Hill; FEDERICI, Silvia. *Democracia para quem?* Ensaios de resistência. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

DINIZ, Débora. Aproximar. In: DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FRASER, Nancy. O clima do capital: por um ecossocialismo transambiental. *Margem Esquerda* – revista da Boitempo, São Paulo, nº 38, p. 67-103, 1º semestre, 2022.

GEBARA, Ivone. Ouvir. In: DINIZ, Débora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HIRATA, Helena. *O cuidado: teorias e práticas*. São Paulo: Boitempo, 2022.

hooks, bell. *Mulheres Negras: moldando a teoria feminista*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 16. Brasília, jan. - abril 2015, p. 193-210.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Ana Luiza Libânio. – 1ª ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis: v.16, n.3, p.809-840, dez. 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Interseccionalidades: pioneiras do feminismo brasileiro*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. 2ª edição, São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 4ª ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VERGÈS, Françoise. *Um Feminismo Decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.